

Xô falar, Salvador: uma análise de afetos, engajamentos e da construção de territorialidades a partir do BaianaSystem¹

Daniel Oliveira de FARIAS²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este artigo analisa como a banda BaianaSystem mobiliza afetos de fãs relacionados aos territórios da cidade de Salvador e à própria trajetória do grupo, expressos em debates no Facebook. Assim, articula-se a noção de afetos enquanto modos de engajamento, construídos e organizados em práticas discursivas e culturais, de Lawrence Grossberg, com a compreensão das formações discursivas, de Michel Foucault, que revelam as suas regularidades e descontinuidades. Ficam evidentes tentativas de essencialização das divisões sociais e territoriais da cidade, mas também processos de empoderamento estratégico de fãs e construção de territorialidades mais abertas e contingentes.

PALAVRAS-CHAVE: música; afeto; discurso; território; BaianaSystem.

Introdução

As experiências com a música, frequentemente, são permeadas por disputas promovidas por artistas, fãs, *haters*, críticos, produtores e demais sujeitos envolvidos. Tais processos, materializados em práticas e discursos nas músicas, videocliques, declarações em reportagens, conversas co-presenciais e discussões em plataformas de redes sociais *online*, atravessam variados objetos de afetos (organizando sensibilidades, discursos e engajamentos), como os territórios, os gêneros musicais (JANOTTI JÚNIOR e PEREIRA DE SÁ, 2019), os espaços de circulação, as cenas musicais (FREIRE FILHO e FERNANDES, 2006), assim como referências de gosto e valores.

Essas disputas fazem parte do universo musical brasileiro. Debates e controvérsias acerca da trajetória de artistas, movimentos e/ou gêneros musicais em interligações com territórios, sonoridades, classes e grupos sociais podem ser visualizados, por exemplo, na emergência da bossa nova, em meados do século passado,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PÓSCOM-UFBA), integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC), e-mail: danoliveiradefarias@gmail.com.

que gerou discussões sobre a sua identificação com a zona sul do Rio de Janeiro, colocada de modo oposto à autenticidade dos morros a partir do vínculo com a matriz cultural do samba. Com a expansão da comunicação em ambientes *online*, a incidência de disputas em torno da música vem se intensificando, mobilizando afetos (GROSSBERG, 1997, 2010, 2018) e engajamentos políticos (PEREIRA DE SÁ, 2016).

Em Salvador, artistas têm manifestado posições políticas sobre a cidade e a música local e também motivado afetos e controvérsias entre fãs, expostas em debates em sites de redes sociais *online*³. Entre esses artistas, o grupo BaianaSystem⁴, criado em 2009⁵, tem se destacado. Desde o surgimento, apresenta discursos críticos – em letras, entrevistas dos integrantes, produções audiovisuais – que interconectam questões ligadas às divisões sociais e espaciais da cidade, à indústria do Carnaval associada ao axé-music⁶, promovendo tanto diálogos, como tensionamentos dessas relações. Além disso, expõe vínculos locais e globais, nas suas demarcações territoriais, por meio de elementos da cultura pop contemporânea compartilhados (VLADI, 2016).

Com a ampliação do público, da visibilidade e dos espaços de circulação⁷, uma parte dos fãs passou a questionar a legitimidade dos discursos em relação à realidade da cidade, apontando supostas contradições na trajetória do grupo, como problematizar as desigualdades e, ao mesmo tempo, tocar para uma plateia elitizada no bairro da Barra e com preço alto, ou ter um público de maioria jovem e universitária, em contraposição à população periférica, que sofre mais diretamente com as opressões e segregações.

Este artigo compreende de que maneira o BaianaSystem mobiliza afetos, engajamentos e valores relacionados à música e à cidade de Salvador, construindo territorialidades. Ou, mais especificamente, discute como a trajetória da banda, os seus discursos e práticas de circulação, tal como casas de show, bairros da cidade, públicos e

³ Na pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, busca-se entender de que modo artistas contemporâneos de Salvador, entre eles BaianaSystem, Larissa Luz e Attooxa, mobilizam afetos que inter-relacionam e articulam, por meio da construção de territorialidades, gêneros e cenas musicais. Para mais discussões sobre as experiências e disputas em torno do BaianaSystem, ver Farias (2018).

⁴ O grupo é formado por Russo Passapusso, Roberto Barreto, Marcelo Seco e Filipe Cartaxo.

⁵ Resultado de um projeto temporário para a gravação de um disco, *BaianaSystem* (2010), tornou-se um dos grupos mais conhecidos da Bahia e conquistou alcance nacional, figurando em listas melhores álbuns brasileiros do ano com o *Duas Cidades* (2016). Lançou o EP *Pirata* (2013) e os discos *Outras Cidades* (2017) e o *O Futuro Não Demora* (2019). As sonoridades são marcadas pela guitarra baiana, eletrônico, ritmos afro-baianos e *sound system*.

⁶ No Carnaval, tem levado milhares de pessoas atrás do seu trio elétrico, gratuito e sem cordas, o Navio Pirata, em Salvador. Em seus primeiros desfiles, a banda questionava “como serão os futuros carnavais?”.

⁷ Entrou no circuito dos grandes festivais no Brasil, como o *Lollapalooza Festival* (2017) e o *Rock In Rio* (2017). Apresentou-se no *Festival de Verão*, em Salvador, ligado ao axé-music. Shows no Rio Vermelho e Pelourinho, bairros boêmios e reconhecidos por abrigarem as aludidas “cenas alternativas”, tornaram-se intercalados com viagens e apresentações em outros lugares da cidade, como Barra Hall, Armazém Vilas, Arena Fonte Nova, além do Espaço Praia do Forte, em um balneário turístico no Litoral Norte da Bahia. Espaços, em geral, fora do circuito alternativo e onde acontecem shows de artistas associados ao sertanejo universitário, ao pop, ao pagode e ao axé-music.

performances, se interligam nas apropriações da cidade e em valores de fãs, gerando processos de empoderamento estratégico⁸, afetivos e políticos, na relação com os territórios. Faz-se uma análise dessas disputas em debates no Facebook, mas também em práticas e discursos da banda. Para isso, a noção de afetos como modos de engajamentos, organizados e construídos em práticas discursivas, culturais e sensíveis, na acepção de Lawrence Grossberg, autor vinculado aos estudos culturais, é acionada em articulação com a compreensão de formação discursiva do filósofo Michel Foucault.

Evidencia-se que os territórios são tratados, nos debates de fãs, através da afirmação de uma clivagem às vezes considerada intransponível, traduzida nas ideias de “cidade alta e cidade baixa”⁹, “elite e periferia” ou nas divisões de classe social, mas que convocam diferentes valores, potencialmente produtores de territorialidades (HAESBAERT, 2014). Por outro lado, identifica-se a formação de alianças afetivas para a disputa de questões sociais, como as opressões étnico-raciais, e o empoderamento estratégico, afetivo e discursivo, na construção de ideias sobre a banda e a cidade.

Argumenta-se em prol de uma abordagem dos territórios aberta e contingente – sem recair em generalizações, relativismos e/ou essencialismos (GROSSBERG, 2010) – a partir dos seus componentes afetivos políticos, quer dizer, que funcionam como eixos afetivos capazes de gerar processos de empoderamento estratégico e transformação¹⁰.

Afetos, política e engajamentos: desconstruindo separações e dicotomias

A sensibilidade e a razão foram tratadas, por muitos séculos, como características antagônicas dos sujeitos. Ainda hoje circulam por aí discursos que distinguem a pessoa razoável, virtuosa, por exemplo, para a política e a vida pública, daquela outra emotiva, movida apenas por paixões. Em *A Estética da Comunicação: além da pragmática*, o filósofo Herman Parret (1997) narra como, na história do ocidente, a paixão (*phatos*) foi apartada do âmbito ético, moral, das leis e da política.

Na Grécia pré-socrática, de acordo o autor, a paixão era considerada frenesi, morbidez e perturbação. Ou “contrária à natureza”, como em Zenão. Entre autores clássicos da filosofia, o tema ficou longe da centralidade das obras. Outro movimento

⁸ Entende-se empoderamento estratégicos como processos que evidenciam no cotidiano as alianças afetivas e, ao mesmo tempo, as divergências que tensionam estruturas de poder opressoras e incitam experiências mais emancipadoras e democráticas dentro e fora do campo musical, levando em conta os seus atravessamentos territoriais.

⁹ Valendo-se de uma configuração geográfica e histórica de Salvador, já muito modificada, o BaianaSystem, na música *Duas Cidades*, questiona: “Diz em que cidade que você se encaixa / cidade alta ou cidade baixa?”.

¹⁰ Grossberg (2018, p. 39), ao tratar da cultura política dos Estados Unidos, coloca como questão fundamental refletir “como [...] afetos são construídos e organizados, aproveitados e mobilizados, e como podem ser transformados”.

foi o confinamento da paixão nas artes, como o lugar legítimo para a sua manifestação. Tal processo de separação, portanto, ocorreu em dois movimentos complementares: a marginalização teórica, seja na filosofia ou nas ciências sociais, e a “[...] expulsão [...] para os domínios da criatividade artística [...] e da intimidade” (PARRET, 1997, p. 108) – o que inclui o distanciamento da política, o suposto terreno exclusivo da razão.

Contrário a essa linha de pensamento, Parret (1997) argumenta coerentemente que o sujeito produtor de discursos, de razões, dentro de uma sociedade regida por leis morais, é um ser de paixão. Desenvolve, então, a ideia de *phatos* razoável, isto é, a paixão que não é patológica, expressa em discursos e que torna as relações intersubjetivas possíveis de serem vividas – entre elas as práticas culturais, políticas e sensíveis. A paixão contribui na organização das identificações, na sociabilidade, em escolhas e percursos de vida, entre outros terrenos da vida cotidiana. Seguindo nesse sentido, soma-se também a urgência de desfazer a falsa oposição entre afeto e política¹¹.

Inserido nos estudos culturais, Grossberg (2010), em suas formulações sobre os afetos, assinala que, em diversos trabalhos contemporâneos, “supõe-se que o afeto é mais natural do que construído e, muitas vezes, que é necessariamente desorganizado (como oposto, por exemplo, à linguagem)” (GROSSBERG, 2010, p. 193, tradução nossa). O autor argumenta, então, que a produção dos afetos nunca foi aleatória. Pelo contrário, o “afeto é sempre organizado por aparatos discursivos e culturais, que são, por sua vez, locais/agentes da produção do real e da luta em torno dele, na forma de hábitos e costumes” (2010, p. 194, tradução nossa).

Levando em consideração a multiplicidade de maneiras nas e pelas quais o afeto está presente na vida cotidiana, Grossberg (2018) apresenta uma compreensão das suas dimensões e planos, que é incorporada neste trabalho. Para o autor, o afeto é

[...] uma dimensão ou ingrediente essencial das desordens da experiência humana [...] Como plano do significado, o afeto é o produto contingente de eventos, contradições e lutas humanas e não humanas. Varia ao longo do tempo e do local e é distribuído de forma desigual [...]. Se o significado é como fazemos “sentido” com o que está acontecendo, afeto é a energia que permeia todas as nossas experiências e define como é viver em um momento. [...] o afeto é sempre constituído no espaço entre individualidade e socialidade, entre consciência e materialidade, entre o cognoscível e o ainda não-articulado. O afeto engloba uma variedade de maneiras pelas quais “sentimos” o mundo [...] incluindo humores, emoções, mapas do que importa e do que se importa, prazeres, desejos, paixões, sentimentos. (GROSSBERG, 2018, ps. 10 e 11).

¹¹ Embora oscile no modo como entende os afetos entre uma dimensão individual em que não há comunicabilidade, e outra em que possível a existência de “juízos basicamente afetivos”, ativos e partilhados, Parret (1997, ps. 122-123) contribui para uma perspectiva mais ampliada das relações entre sensibilidade, cultura e política.

Nas últimas décadas, o papel dos afetos tem se acentuado nos contextos da música, com a crescente utilização da comunicação digital nos sites de redes sociais *online*, como aponta Pereira de Sá (2016). Paralelamente, há uma conexão direta entre a presença dos afetos nesses ambientes e as experiências políticas dos fãs, *haters* e ouvintes em suas práticas discursivas, o que já pressupõe a superação da dicotomia “[...] consumo cultural/entretenimento de um lado e ativismo/mobilização/cidadania de outro” (PEREIRA DE SÁ, p. 53, 2016). Esse é um dos fatos que revelam o grau de importância da compreensão de como os afetos e a política estão articulados nas práticas das comunidades musicais e de que maneira organizam, agenciam e expressam disputas de gosto, estruturas de poder, visões de mundo e valores diversos, inclusive relacionados aos espaços, as cidades e aos territórios.

Com base no pensamento de Grossberg (2010, 2018), compreende-se, neste trabalho, que os afetos se expressam em disputas discursivas, amalgamando tanto experiências ligadas aos corpos em movimento (dança, *performance*, volume do som, frequências graves e agudas), como nas diferenciações individuais e sociais, nos valores, nas paixões e razões. Comportam, portanto, uma sensibilidade e uma lógica, externada em formações discursivas (FOUCAULT, 1987). Em outras palavras, os afetos, em sua complexidade, agregam uma dimensão comunicacional, no sentido amplo das interações pessoais. Sinais, traços e estruturas podem ser identificados nessas manifestações em processos comunicativos.

Formações discursivas sobre os territórios: construindo territorialidades

A perspectiva dos afetos considerada neste trabalho leva a uma discussão metodológica sobre como os discursos, enquanto produção de sentido pela linguagem, mas também manifestados em diferentes enunciados e práticas (HALL, 2016, FOUCAULT, 1987), ajudam a apreender e mapear os seus vetores e dinâmicas como processos ativos, ou seja, como modos de engajamento (GROSSBERG, 2018). Ou, formulando a questão de outro modo, como os discursos contribuem para pensar e analisar as disputas afetivas na música? E como se conectam aos territórios?

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (1987) reflete sobre o conhecimento, a história e os discursos, entre outros temas, e desenvolve mais direta e detalhadamente o seu pensamento sobre as regularidades, descontinuidades e possíveis transformações

discursivas. Faz isso através do conceito de formação discursiva, chave no seu trabalho teórico, metodológico e nas suas análises. Segundo o autor,

No caso em que se puder descrever, entre [...] enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos [...] que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 1987, p. 43).

Nos sistemas de rarefação e dispersão dos enunciados (FOUCAULT, 2014), a noção de formação discursiva convoca o olhar para as regularidades na produção de um conjunto, tanto aquelas reforçadoras de relações de poder dominantes, como para as rupturas, aquilo que questiona um regime de verdade, seja no que é dito, seja por meio do que (ainda) não foi expresso e (ainda) reside no silêncio. Para Mittell (2001), reportando-se a Foucault, as formações discursivas são “sistemas de pensamento historicamente específicos [...] que trabalham para definir experiências culturais dentro de grandes sistemas de poder” (MITTELL, 2001, p. 9, tradução nossa).

Nesse sentido, os territórios se configuram, nas disputas dos fãs em torno do BaianaSystem contextualizadas em Salvador, como formações discursivas. As ideias sobre os territórios são disputadas a partir dos enunciados e práticas do grupo e de fãs. Um processo de construção de territorialidades ou, em outros termos, de perceber e conceber os territórios por meio de discursos e práticas culturais (HAESBAERT, 2014). Formações discursivas sobre territórios podem ser identificadas nas divisões valorativas da cidade feitas por fãs (e também pela banda) entre centro (elite) e periferia, entre “cidade alta e cidade baixa”, em um diálogo com uma perspectiva também material.

Na música *Da Calçada pro Lobato*, do primeiro disco do BaianaSystem, que traz em sua sonoridade ritmos do samba com guitarra baiana, o cantor Russo Passapusso cita na letra¹², valendo-se de gírias e da oralidade cotidiana da cidade, bairros da periferia de Salvador, também citados no título, produzindo territorialidades a partir dessas relações. Já em *Dia da Caça*, do álbum *Duas Cidades* (2016), as sonoridades são bastante amparadas no samba de roda e no *ragga muffin*. Há na faixa a participação de As Ganhadeiras de Itapuã, grupo de samba de roda de Salvador. Na letra, denuncia que “[...] *Toda cidade vai ficar turística / E a polícia violenta vai ditar a política*”. Percebe-se nas músicas, a partir dos territórios, interações entre temáticas, gírias e gêneros com raízes locais, em aproximação com referências de outros países na palavra “*States*” e no

¹² Trecho da letra: “*Da Calçada sai de trem / Dos States pro Espaço / Pra chegar lá ni Belém / Só no trio do Lobato*”.

próprio *ragga maffin* e *sound system*, gênero e movimento que surgiram na Jamaica. Ou seja, convocam territórios por meio de identificações, elementos simbólicos e disputas.

Para Haesbaert (2014, p. 57), o território “[...] tem a ver com poder [...] Ele diz respeito tanto ao poder no sentido [...] de dominação, quanto ao poder no sentido mais [...] simbólico, de apropriação”. Enquanto espaço vivido e experienciado, o território é múltiplo, o que traz uma diferença das lógicas territoriais “unifuncionais” capitalistas. Trata-se de um “continuum”, da dominação à apropriação, sendo possível distinguir os territórios apenas levando em consideração aspectos sociais, culturais, relações de poder e subjetividades (e sensibilidades) dos sujeitos que os constroem no e pelo movimento. Já a territorialidade, embora não seja algo abstrato, “é também uma dimensão imaterial [...] enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, [...], e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural” (HAESBAERT, 2014, p. 64).

Nessa perspectiva, os engajamentos afetivos podem ser maneiras de estabilizar ou instabilizar modos de viver, perceber e conceber os territórios, a partir de processos que envolvem identificações, desidentificações, aproximações, divergências, sensibilidades e práticas políticas. Sobre território e afetos, Grossberg (2010) afirma:

O território [...] é o contexto da realidade vivida. Descreve uma realidade afetiva, ou melhor, um complexo conjunto de articulações e registros afetivos que constituem diferentes modos de viver em locais já socialmente determinados, diferentes possibilidades de formas e configurações de investimento, colocação e orientação, mudança e segurança, atenção e importância, prazer, desejo e emoções. Estabelece relações complicadas entre pertencimento e alienação, identidade e identificação, subjetivação e subjetificação. (GROSSBERG, 2010, p. 34, tradução nossa).

Ao passo que a produção da realidade (real e contingente) e dos territórios envolve a prática do poder (HAESBAERT, 2014), questiona-se aqui (e na análise) como rearticular certas relações opressoras ou redutoras das multiplicidades das identificações e dos modos de vida. Acredita-se que, a partir dos investimento afetivos relacionados aos territórios, torna-se possível a construção de contextos (GROSSBERG, 2010) e múltiplas territorialidades, o que significa um compromisso com a abertura, por um lado, sem essencializar as relações ou reificar as práticas culturais, sensíveis e políticas, e por outro não universalizar ou relativizar genericamente os fenômenos.

A cidade como palco de disputas: afetos, engajamentos e territorialidades

Os afetos e engajamentos relacionados à banda BaianaSystem, expressos em formações discursivas e que articulam diferentes apropriações dos territórios da cidade

enquanto construção de territorialidades (HAESBAERT, 2014), são analisados a partir de uma discussão de fãs no Facebook. Tal fenômeno configura-se da seguinte maneira: ao mesmo tempo em que o BaianaSystem lança mão de discussões sobre as divisões sociais e territoriais em Salvador, se associando às populações em situação de vulnerabilidade, mas tem práticas de circulação que expressam uma suposta contradição na sua trajetória, ocorre um intenso debate cuja questão central é “em que cidade o BaianaSystem se encaixa?” (Fã 1, 2016). Devolve a pergunta de *Duas Cidades*.

Essas controvérsias começam com a postagem da Fã 1 (2016) no evento *BaianaSystem Apresenta Punk Reggae Party*¹³, no Facebook. Cita o aumento do preço do ingresso, as mudanças na circulação e no perfil do público e, em seguida, entra no debate acerca dos territórios ao afirmar insatisfação com a trajetória da banda.

[...] a periferia [...] reclama [...] por não poder pagar R\$ 50. Reclama por não mais se identificar com o “novo” público. A mesma periferia cantada nos versos e que exigia respeito na pipoca do Carnaval [...] que mostrou a todos [...] que havia paz e respeito naquela “confusão” de pretos e pretas pulando na avenida. E, ao que parece, a mesma periferia [...] volta a ser esquecida. (Fã 1, 2016).

Um dado significativo para as reflexões promovidas é a diferenciação entre o “novo público” e a periferia. Para a Fã 1, essa periferia, que acompanha o BaianaSystem desde o início, foi preterida, apesar de todo o histórico com o grupo. Percebe-se também, nos enunciados, que, a partir de espaços, gêneros musicais, valores, visões de mundo, classes e gostos, os territórios são convocados e construídos, evidenciando diversos embates sobre a música e a cidade.

Territórios e enquadramentos de classe, gosto e representatividade

Viver a música de uma cidade é se relacionar com bairros, moradores, públicos, cenas e/ou gêneros musicais, o que possibilita afetar e ser afetado por essas conexões. A música que circula pelos espaços da cidade está inserida em relações de poder e disputas, que abarcam aspectos sensíveis, culturais, simbólicos e de apropriação, ou seja, daquilo que é vivido, percebido, concebido e que produz afetos.

Nas disputas dos fãs do BaianaSystem, um dos pontos mais debatidos é a circunscrição da banda em um território de Salvador. A banda apresenta um discurso que dá visibilidade aos problemas da desigualdade social em Salvador, resumido na

¹³ A postagem no evento, criado pela página da banda, gerou um grande envolvimento de fãs, com diferentes posições defendidas, 189 comentários e 1241 curtidas. Embora as discussões mapeadas tenham ocorrido em página de livre acesso, foram preservados os nomes dos fãs. Os dados foram coletados em 15 de novembro de 2017 no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1713443712204570/>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

metáfora da cidade dividida em “alta” e “baixa”. Esse movimento, contudo, ao passo que lança luz para desigualdades, reduz a complexidade urbana. Paralelamente, tal dicotomia, amiúde, é o fio condutor das disputas sobre a banda e os territórios.

Por um lado, ao encampar o discurso contra as opressões e as desigualdades, o BaianaSystem é visto como um grupo da chamada “cidade baixa”¹⁴. Mas, quando se observa outros aspectos das suas práticas, como alguns espaços de circulação e o perfil do público, o enquadramento pode ser o oposto, como fica evidente no comentário do Fã 2, em contraposição a outros fãs, que defendem a origem periférica da banda: “A realidade é que Baiana nunca foi do gueto ou do povo! kkkkkk. Sempre foi dos playba alternativos a.k.a. esquerda caviar ou chame-os como quiser!” (Fã 2, 2016).

Essa emblemática caracterização distingue o “gueto” do “playba alternativo”, também chamado de “esquerda caviar”. O primeiro seria o autêntico da periferia, enquanto o segundo, embora solidário às causas dos mais pobres, estaria situado na realidade privilegiada de uma elite econômica. Na sequência, em *thread*, a Fã 3 concorda com o comentário do Fã 2 (2016) e explora a descrição dos fãs do grupo.

Nunca conheci ninguém do gueto, de fato, que seja fã. Só classe média, rebeldes de condomínio, galera descolada de humanas da UFBA, rs. O gueto de verdade curte Igor Kannário e afins. Baiana sempre foi, como definiu brilhantemente uma comentarista [...], uma espécie de “Psirico Gourmet”. (Fã 3, 2016).

Verifica-se que a representatividade do BaianaSystem e dos seus fãs ligada à periferia é questionada devido à questão de classe social, a percepção de um público elitizado. A Universidade e os condomínios seriam os territórios privilegiados habitados pelos fãs e aos quais a banda se aproxima. Portanto, faltaria o valor da autenticidade, a territorialidade enquanto “gueto”. A Fã 3 chama a atenção para a associação entre o grupo e o pagode. Levando em conta essa suposta falta de representatividade, defende que o BaianaSystem faz um “pagode gourmet”. Já o cantor Igor Kannário, ao contrário, é o autêntico pagode do gueto, com enraizamento na periferia. O Fã 4 (2016), em seguida, assinala que a banda “perdeu o *time*” e deveria “olhar mais para o gueto”.

A distinção tanto do representante legítimo do gênero musical como do público é pautada pelo valor da autenticidade relacionada ao territórios e à classe. A produção e o consumo cultural, nesse enquadramento, estão diretamente relacionados a uma territorialidade vinculada à classe e, imperiosamente, às formulações sobre gosto. Os

¹⁴ E daí associa-se o bairro do Pelourinho e o Centro Antigo, com seus largos e praças e histórico de luta e resistência da população negra e dos blocos afro, como territórios afetivos políticos da banda e de fãs.

afetos políticos estão assentados nessa ligação imediata. Uma restrição que não contribui para a ampliação dos interlocutores, inclusive do ponto de vista do fortalecimento dos horizontes culturais e políticos do BaianaSystem. Sustentar ou aceitar que a estrutura do poder econômico – tendo como premissa os territórios reduzidos a uma dicotomia – define a representatividade, o gosto da população e o gênero autêntico significa tratar a lógica dominante como a única possível. Restringe, desse modo, as possibilidades de luta por transformação da ordem e põe na sombra iniciativas que colocam em xeque as divisões. Além disso, as contradições, muitas vezes, embaralham estruturações de classe¹⁵, mas não retiram o seu potencial político.

Ainda na discussão, a Fã 5 segue em uma outra direção e aprofunda ao defender que, embora, de fato, o BaianaSystem não tenha uma origem periférica, na sua circulação, no perfil do público e na criação musical, é um grupo representativo.

[...] Baiana é gueto? [...] nunca foi. Baiana é a forma que a elite intelectual [...] encontrou de ouvir axé, pagode e arrocha. Maravilhosa [...], revolução musical e tudo. [...] é a forma que a classe média encontrou [...] de apropriação de estética “elitizada” [...] Agora não dá para negar a representatividade que o discurso, a narrativa, o cantor preto etc alcançaram. Isso é importante discutir, cutucar, mas não do ponto de vista de quem “traiu o movimento”. [...] Baiana nem tinha Russo. Que lugar histórico é esse que estamos reivindicando aqui? (Fã 5, 2016).

No comentário, a Fã 5 concorda que o BaianaSystem não tem uma origem periférica, cita exemplos de fenômenos musicais de outros estados, nos quais a raiz popular do gênero ganha uma roupagem estética considerada “elitizada”, mas avalia que tais fatos não diminuem o alcance e a potência da representatividade do grupo. Elenca vários aspectos que são muito elucidativos disso, entre eles o discurso combativo, a presença de um vocalista negro e as “sonoridades de movimentos urbanos negros (dub, ragga, etc)” (Fã 5, 2016). Questiona ainda o lugar histórico que está sendo reivindicado no debate, reportando-se à segregação, opressão e desigualdade historicamente sofridas pela população negra e periférica no Brasil, e traz outros pontos:

[...] vamos ter cuidado para não cair num lugar de “preservação das raízes” [...] ou deslegitimar outros públicos por seus lugares de fala. Branco/hétero/cis/classe média pode falar sim de questões sociais – [...] basicamente o que ocorre na vida. Os discursos são produzidos pela elite porque é quem historicamente tem acesso aos ambientes de visibilidade. [...] então o ponto não pode ser esse: “sou pretx pobre e curto a banda desde os primórdios e por isso sou mais legítimx, exigo fidelidade e não aceito branx ricx por aqui”. (Fã 5, 2016).

¹⁵ O exemplo citado, Igor Kannário, é um cantor de pagode que, apesar da origem periférica, atualmente ocupa a posição de deputado federal e é aliado ao governo municipal, cujo prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto, do partido Democratas, faz parte de uma das famílias mais tradicionais da elite econômica e política baiana.

Aqui aparecem mais dois elementos relevantes para a discussão. Em primeiro lugar, a Fã 5 (2016) assinala que a ideia de preservação das raízes comporta uma dimensão originária periférica que não necessariamente é real, pelo menos no que se refere ao conjunto mais amplo dos fãs, enquadrado por ela como “elite intelectual”. Muitas vezes essa reivindicação de uma essência, de uma origem com determinadas características, é instrumento de manutenção do que já está posto, ou então pode aparecer nas disputas enquanto ferramenta retórica para a defesa daquilo que é considerado raiz. Esta perspectiva que trata os territórios vinculados ao grupo como algo definido no princípio da sua formação, resulta em enrijecimento dos caminhos trilhados, no passado, no presente e nas possibilidades futuras, inclusive de aprofundamento e de expansão do alcance dos discursos.

Em consonância com esse primeiro ponto, a fã argumenta que os lugares de fala não devem servir à deslegitimação de algumas vozes. Se por um lado o lugar de fala dialoga com a ideia de credibilidade (ou conhecimento de causa) para discorrer sobre um tema, por outro funciona como um processo que coloca o holofote apenas em quem já tem, de antemão, certo prestígio, cercando os espaços e impedindo a entrada em cena dos possíveis discursos dissonantes. Assim, a soma e o aprofundamento das ideias, além das divergências que geram outras compreensões, acabam sendo aniquilados pelo pensamento único que é valorado por uma suposta competência de quem fala. É produtivo questionar: quem define essa competência? A ocupação de ambientes de visibilidade contribui nessa colocação, mas também é capaz de reorganizá-la.

Até mesmo os bairros da capital baiana de classe média alta são citados nas caracterizações do público que, na compreensão de alguns fãs, entram em contrassenso com o discurso do grupo, o que, novamente, ressalta o caráter classista dessa distinção. Mas, ao mesmo tempo, torna nítido como esses territórios afetivos políticos são construídos e geram identificações no contexto dos fãs.

Engraçado que o novo público realmente parece não entender as letras, não percebe que são intrusos ali. “Tirem as construções da minha praia, não consigo respirar. [...] Especulação imobiliária e o petróleo em alto mar...” foi cantado no Rock Concha e cantado por metade dos moradores da Barra. (Fã 7, 2016).

Mais uma vez, percebe-se uma contradição fundada no pressuposto da impossibilidade de uma classe social privilegiada em termos econômicos encampar um discurso em prol da igualdade social, o que, necessariamente, significa abrir mão de alguns dos seus benefícios e da sua zona (também territorial) de conforto. Esse

entendimento, além de tratar o aspecto socioeconômico como determinante do gosto e da representatividade, considera o território distinto como oposto, uma barreira intransponível, em que não há possibilidade de inclusão num espaço de diferenciação.

Percebe-se que os fenômenos culturais relacionados aos territórios podem gerar processos de distanciamento, por meio do reforço das fronteiras que são estabelecidas no olhar e na atribuição de valores ao outro, conforme é percebido em alguns comentários (Fã 1; Fã 2; Fã 3, 2016), mas também de aproximação, do encontro do comum na diferença, enquanto uma das formas da alteridade¹⁶ (GROSSBERG, 2010), o que se percebe de maneira mais nítida no discurso da Fã 5 (2016).

O bairro da Barra é exposto como o território da diferença – assim como em outros comentários é o condomínio ou a Universidade – que é visualizada no espaço da apresentação (comportando variáveis como roupas, identificações étnico-raciais, *performance* do público no show e preço do ingresso). Obviamente não é possível saber exatamente onde moram os fãs citados que cantavam as músicas durante o show. Mas esses lugares correspondem à “cidade alta”. A cidade alta, nesse caso, se configura enquanto o “eles”, oposto do “nós”, “a periferia” ou a “cidade baixa”.

Mais interessante e potente do que aceitar que essas distâncias são tão marcantes ao ponto de buscar uma separação ainda maior é perceber que há mais elementos com força de transformação em comum do que aparentemente está colocado pelas questões de classe social e econômica. Essas distinções acabam produzindo mais fragmentações, como aponta Grossberg (2018). Afirma que há cinquenta anos reitera-se a oposição entre classe e identidade, o movimento e o partido, o simbólico e o pragmático, entre outras divisões que acabam sendo basilares nas fragmentações das lutas políticas (GROSSBERG, 2018). É importante pensar que as relações entre “o mesmo e o diferente” (GROSSBERG, 2010, p. 199) podem fortalecer as práticas cujo horizonte é o combate às opressões e a transformação. Assim, problematiza-se se as disputas afetivas políticas que entrelaçam artistas e territorialidades com espaços de show, gêneros e valores não poderiam ponderar essas oposições que, amiúde, servem de premissas para as posições adotadas, discutindo mais profundamente tais táticas e práticas.

¹⁶ Para Grossberg (2010), a alteridade, produzida por aparatos culturais, pode assumir duas formas distintas: “[...] a produção de diferença e a produção de distância (fronteiras). A primeira é a produção de uma rede sistemática, interconectada, de investimentos afetivos como relações [...] entre a identidade e a diferença entre eles. A segunda é efeito da produção de uma rede, o mapa, de divisões. As fronteiras dividem espaços [...] criam distâncias, distinguem entre aqui e lá, o dentro e o fora, nós e eles. Porém, [...] há muitos mapas de diferenças e distâncias. Eles podem tanto unir como dividir. [...] O desafio é pensar essa relacionalidade [...] como um fundamento necessário sem supor nenhum regime particular de relacionalidade.” (GROSSBERG, 2010, ps. 199-200, tradução nossa).

Compreende-se que uma iniciativa como essa significaria deixar aflorar maiores possibilidades de empoderamento estratégico (afetivo político) não como reiteração das divisões (ou condições) que engessam, separam e isolam. Sem dúvida, o fator econômico em relação ao preço dos ingressos muitas vezes atua como exclusão e silenciamento, uma funcionalidade territorial (HAESBAERT, 2014) excludente do lucro, mas as possibilidades de burlar essa sua incidência direta, questionar os seus mecanismos de distinção, propor novos modelos de contestação e de estruturação da sociedade, pressupõem outra maneira de enxergar as diferenciações de classe, sobretudo quando se trata de gosto e representatividade aliados à cultura, sensibilidade e política.

Ainda em comentário no evento citado, a Fã 1 defende o empoderamento enquanto exercício de liberdade: “A banda é livre para ter o discurso que quiser? É. Mas também somos livres para questionar a legitimidade de tal discurso” (Fã 8, 2016).

Alguns dos desdobramentos desse empoderamento discursivo foi pautar veículos jornalísticos locais e ensejar manifestações presenciais. No período da discussão no Facebook, o site de notícias local Bahia Notícias publicou uma matéria na qual apresenta trechos da entrevista¹⁷ feita pela repórter Ailma Teixeira com a fã Ítala Cortes.

Ressalta-se que a repercussão das disputas dos fãs no Facebook já conforma evidências contundentes¹⁸ do empoderamento afetivo político dos fãs – mobilizam dezenas, às vezes centenas de comentários e ganham visibilidade no ambiente dos fãs e fora dele, e debates que perpassam temas identitários, modos de apropriação da música e da cidade enquanto luta política. A reportagem publicada também indica que esse fenômeno extrapola os sites *online* – que, em muitas ocasiões, já estão totalmente interconectados a outros sites e ao cotidiano presencial.

Sobre o discurso da fã, na reportagem, nota-se que apresenta tanto problemáticas sociais e étnico-raciais das territorialidades (um público novo que passa a frequentar

¹⁷ A estudante de Serviço Social, Ítala Cortes, 21, [...] conta que deixou de frequentar os shows do BaianaSystem logo após o Furdunço, no Carnaval, por perceber um "novo público de maioria branca, violenta e racista". "No último show que teve no Pelourinho, nós vimos o padrão do público-alvo, que era bem diferente do público antigo. Eu e alguns amigos não tínhamos dinheiro pra entrar e fizemos uma intervenção na frente do show [...]. A gente gritou 'uh, só tem branco', eles vieram e deixaram a gente entrar [...] sofri várias violências por parte de homens brancos, que estavam distribuindo cotoveladas e murros, coisa que não acontecia antes dessa elitização da banda", relatou [...].” (TEIXEIRA, Ailma. Disponível em: <www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/23132-039nao-da-pra-serem-todos-os-shows-no-pelourinho039-diz-guitarrista-do-baianasystem.html> Acesso em: 01 de fevereiro de 2018).

¹⁸ Também merece relevo a cobrança de fãs por uma resposta do grupo com posicionamento sobre as questões levantadas nas discussões: “a banda ao menos poderia se mostrar sensível a tais questões e não silenciar (e nem querer silenciar) tal debate” (Fã 1, 2016); “Quase 200 curtidas. Vamos ver se vai ter fala!” (Fã 8, 2016); “Esse posicionamento é fundamental. Senão, ficamos achando que, pra eles, tanto faz né?” (Fã 9, 2016); “O grupo prefere não responder ao público. Infelizmente essa vai ser a nossa realidade” (Fã 1, 2016). O tempo passou, a discussão continuou e o BaianaSystem apenas compartilhou o link do debate em sua página no Facebook. Mas esse fato mostra que há um objetivo de interlocução direta, parte estratégica do empoderamento.

shows no Pelourinho), como da *performance* desse “novo público” nas apresentações, caracterizado por ela de maioria “branca, violenta e racista”. Mas, mesmo com a crítica, ela não se furta de ir ao espaço de show e fazer a disputa. O mais interessante, portanto, é o relato da intervenção no local do show¹⁹. Após a prática afetiva política presencial da fã e seus colegas, a entrada foi liberada. O acesso inicialmente interditado se tornou, por meio da disputa afetiva política, empoderamento, tanto da fã, que desejava ir ao show, como dos discursos sobre a banda e as lutas sociais e étnico-raciais.

À guisa de conclusão: empoderamento estratégico e territórios afetivos políticos

Do início da sua trajetória até aqui, o BaianaSystem vem construindo discursos mobilizadores de afetos que foram constantemente disputados por fãs. Pode-se afirmar que esse processo compõe a experiência com a banda que, além de fruição musical e audiovisual, com os discos, videocliques, shows (já esperados na relação com a música), se configura também como disputa das suas práticas e, portanto, do seu discurso. Os fãs produzem enunciados sobre o grupo e a cidade – construindo territórios afetivos políticos, afirmando os espaços e os gêneros aos quais se aproxima, quem representa, as questões sociais de destaque, rituais do show cultivados.

Como argumenta Foucault (2014), o discurso não é apenas uma tradução das relações de poder, lutas e disputas da sociedade, mas também é o próprio objeto dessas lutas. Nesse sentido, percebe-se aqui, sobretudo, um empoderamento discursivo dos fãs sobre temas sociais, étnico-raciais articulados aos territórios e à banda que gera envolvimento, cobranças de respostas dos integrantes e posições sobre as suas práticas.

Tal processo de disputas dos fãs em torno do BaianaSystem relacionadas aos territórios aponta, portanto, para duas direções complementares: a disputa pela manutenção e/ou aprofundamento dos discursos combativos da banda, consonantes à esse público, e a ampliação de suas vozes, o que se configura como um contraponto às estruturas de poder, como as desigualdades sociais no território e o racismo, e aos constrangimentos mercadológicos prováveis em um grupo ou produto cultural com visibilidade, alcance de público e, assim, com potencial de constituir um mercado consumidor e um negócio lucrativo. E, segundo, o próprio empoderamento estratégico afetivo político dos fãs, que, se voltado para práticas discursivas emancipadoras e não aprisionadoras, pode ser capaz de promover tensionamentos e sugerir transformações

¹⁹ Em abril de 2017, o evento *Porta do Baiana* também foi agendado por fãs no Facebook para reclamar do preço do ingresso e assistir o show, na praça Tereza Batista, Pelourinho, na parte externa do local.

de estruturas de poder segregadoras e opressoras, tanto ligadas aos territórios, como aos níveis mais específicos ou gerais da sociedade.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Daniel Oliveira de. **Disputas afetivas políticas em torno do BaianaSystem**: gêneros, territórios e experiências no contexto de Salvador-BA. 126 fls. (monografia). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 2014.

_____. **O Corpo Utópico**: As Heterotopias. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1987.

FREIRE FILHO, João. FERNANDES, Fernanda. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical. In: FREIRE FILHO, João; JANOTTI JÚNIOR, Jeder (Org.). **Comunicação e Música Popular Massiva**. Salvador, Edufba, 2006.

GROSSBERG, Lawrence. **Under the Cover of Chaos**: Trump and the battle for the American Right. Pluto Press, London, 2018.

_____. **Cultural Studies in the Future Tense**. Duke Univ. Press, Durham and London, 2010.

_____. **Dancing in Spite of Myself**: Essays on Popular Culture. Durham/Londres: Duke Univ. Press, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite**: território e multi-territorialidade em tempos de insegurança e contenção. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Apicuri, 2016.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. PEREIRA DE SÁ, Simone. Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital. In: **Galáxia**, n. 41, p. 128-139, 2019. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br/galaxia/>. Acesso em: jun. 2019.

MITTELL, Jason. A Cultural Approach to Television Genre Theory. **Cinema Journal**, v. 40, n. 3, 2001.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação**: além da pragmática. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites das Redes Sociais. In: **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, vol. 19, no. 3, p. 50-67, 2016. Disponível em: <www.revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/>. Acesso em: jun. 2019.

VLADI, Nadja. Grave, mais grave: um passeio pelos territórios sonoros e afetivos do projeto BaianaSystem. In: XXXIX Congresso da INTERCOM, 2016, São Paulo. **ANAIS DA XXXIX INTERCOM**, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br>>. Acesso em: jun. 2019.